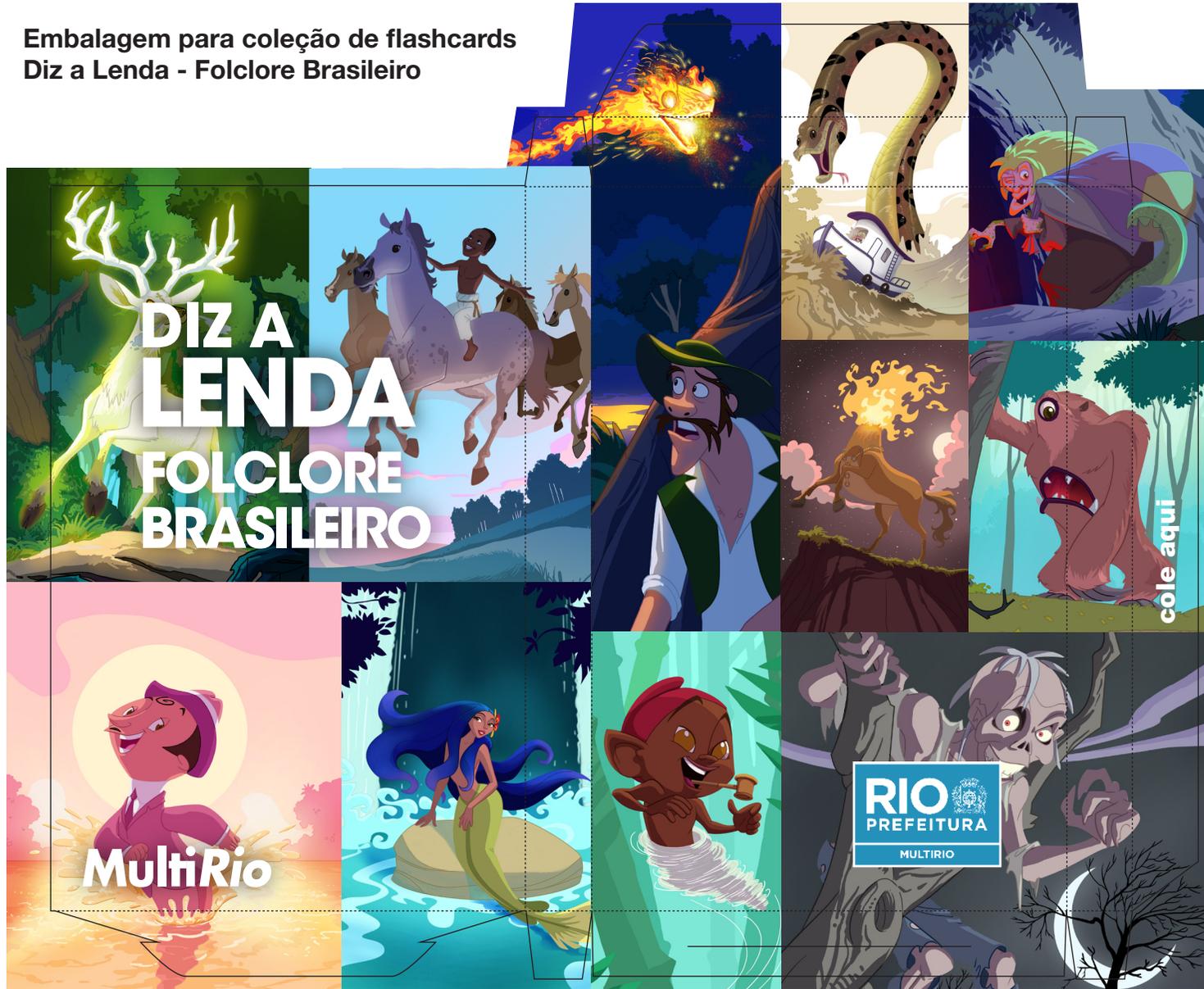
Embalagem para coleção de flashcards
Diz a Lenda - Folclore Brasileiro

Dobre nas linhas pontilhadas
Corte nas linhas cheias

ANHANGÁ

Nos mitos brasileiros, o Anhangá (ou Anhanga) era um espírito poderoso, que protegia as matas, os rios e os animais selvagens.

Geralmente, aparecia como um veado enorme, de coloração branca, olhos vermelhos como o fogo e chifres pontudos. Mas também podia ser um tatu, homem, boi ou pirarucu.

Diz a lenda que o Anhangá punia caçadores que maltratavam os animais e a floresta. Os invasores podiam levar pauladas invisíveis, chifradas e coices, ou cair no encanto de ilusões mágicas, perdendo-se na mata ou coisa pior.

Mas era possível oferecer aguardente ou fumo de rolo ao Anhangá, pedindo sua proteção. Queimar castanhas de caju e fazer cruzes com madeiras da própria floresta também o afastavam.

No entanto, isso só funcionava se o caçador se comportasse direito...

BOITATÁ

Conhecida pelos índios como Baê-tatá (*baê* = coisa e *tatá* = fogo) ou Mboi-tatá (*Mboi* = cobra e *tatá* = fogo), essa criatura punia aqueles que causavam queimadas e destruição das matas.

Descrito como um rastro de fogo que corria os campos e cerrados incendiando tudo ao seu redor, o Boitatá também podia ser visto como uma cobra gigante com olhos de fogo.

Em 1560, o padre José de Anchieta registrou ter ouvido dos índios os relatos sobre um facho de fogo cintilante que corria pela terra e os atacava, causando morte e destruição.

Em algumas lendas, o Boitatá surgiu quando a terra sofreu um grande dilúvio e os animais se abrigaram nas montanhas, mas apenas a mboi-açu (cobra-grande) ficou para trás. Faminta, ela passou a devorar os olhos dos animais que abatia e sua pele foi ficando transparente, com os olhos de suas presas brilhando como faróis.

BOIUNA

BOIUNA

Um dos mitos mais importantes do nosso folclore, a Boiuna - ou Cobra Grande - era uma gigantesca serpente que habitava os rios caudalosos da Amazônia.

Ligada à criação do mundo, a Boiuna podia mudar o curso das águas e dar origem a muitos animais.

Ela saía do fundo dos rios para atacar os barcos e devorar pescadores, levando-os para as profundezas.

Diz a lenda que a Boiuna engravidou e teve dois filhos: Maria Caninana e Honorato, que podiam virar gente ou cobra. Como Honorato era bondoso e sua irmã, cruel, os dois lutaram até a morte.

Honorato venceu, mas desejava ser homem para sempre. Para isso, um soldado corajoso precisou causar um ferimento em sua cabeça com uma lâmina virgem. E, assim, foi salvo de sua maldição.

RIO PREFEITURA
MULTIRIO

CABOCLO D’ÁGUA

Nas margens do Rio São Francisco, barqueiros e pescadores contam histórias sobre o Caboclo d’Água, que mora no fundo do rio e inferniza a vida de quem ganha a vida sobre as águas.

De couro duro e impenetrável, ele vira barcos, espanta os peixes, afoga os banhistas e leva seus corpos.

Diz a lenda que ele habita uma gruta cheia de ouro, segredo que guarda com ferocidade. Todos que tentaram chegar à sua gruta jamais voltaram.

Como proteção, os barqueiros do São Francisco passaram a pintar estrelas no casco dos barcos ou a usar carrancas, esculturas monstruosas colocadas na proa para afastar o Caboclo d’Água e os maus espíritos.

CORPO-SECO

As lendas brasileiras contam muitas histórias de almas penadas, fantasmas e espíritos. Um dos mais conhecidos é o corpo-seco.

Sempre que alguém é muito cruel, maltrata e abusa dos filhos ou agride a mãe e o pai, acaba condenado a um destino terrível.

Depois que morre, nem Deus nem o diabo o aceitam. E até a terra o rejeita, expulsando seu corpo ressequido, condenado a vagar na noite como um ser de pele e ossos, que faz murchar tudo aquilo em que toca.

Lenda conhecida em Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e, principalmente, São Paulo, em muitas regiões diz-se que ele ataca quem passa por perto, sugando o sangue como um vampiro.

CURUPIRA

Protetor das matas e dos animais, o Curupira era descrito pelos indígenas como um menino com os cabelos vermelhos como o fogo e os pés virados para trás.

Montado num porco selvagem e acompanhado por muitos desses animais, o Curupira castigava os caçadores que abatiam filhotes ou fêmeas em gestação, cortavam árvores sem motivo ou causavam queimadas indiscriminadas.

Quando se aproximava, vinha assoviando e batendo nas árvores, para assustar os mais medrosos.

Seus pés virados para trás também enganavam os caçadores, que encontravam suas pegadas e seguiam seus rastros, acabando perdidos na mata, muitas vezes para sempre.

IARA

O mito da Iara, ou a Mãe-d'Água, é um dos mais antigos e conhecidos. Com a chegada dos colonizadores, foi se transformando e a Iara acabou retratada como a sereia dos rios. Mas ela era muito mais do que isso.

Nas lendas, a Iara é retratada como uma linda mulher, que atraía os homens com sua beleza e com sua voz. Diz-se que quem ouvia o seu canto acabava enfeitiçado.

Em muitas histórias, ela aparece para os jovens, bravos e fortes guerreiros, encantando-os e levando-os para o fundo do rio.

Algumas versões contam que, ali, eles vivem para sempre como seus companheiros; outras, que acabam sumindo, para nunca mais voltar.

LOBISOMEM

No interior do Brasil, as pessoas acreditam que quando o sujeito é magro, pálido, de orelhas de abano e sobrancelhas grossas, unidas sobre o nariz, pode ser um lobisomem.

Em outros lugares, a maldição recai sobre o sétimo filho homem de um casal. Nas noites de lua cheia, ele corre até uma encruzilhada, onde sofre a transformação.

Primeiro, ele dá nós em suas roupas e rola na lama, enquanto crescem os pelos e ele vira um bicho meio homem, meio lobo... ou porco!

Para livrar alguém da maldição, é preciso cortar uma das patas do bicho, para ele se transformar em homem novamente.

BOTO

Nas margens dos rios da Amazônia, o povo conta histórias sobre um rapaz misterioso que aparece à noite, durante festejos e bailes, para conquistar o coração das moças mais bonitas.

Charmoso e sedutor, o jovem desaparece tão misteriosamente quanto surgiu, deixando as moças com o coração partido e, geralmente, com uma grande surpresa: uma gravidez indesejada!

O povo diz que aquele jovem na verdade é um boto: um parente dos golfinhos, que vive nas águas dos rios brasileiros, mas que se transforma em gente sempre que deseja passear e namorar um pouco.

Essa lenda já virou filme de cinema e até desenho animado, para quem quiser conferir!

CUCA

"Dorme, neném, que a Cuca vem pegar..." Quem não se lembra dessa clássica cantiga? Ela fala de um dos personagens mais conhecidos do nosso folclore.

Originária de lendas portuguesas e espanholas, a Cuca chegou ao Brasil, onde se misturou com as histórias de bruxas e feiticeiras.

Descrita como uma velha de cabelos desgrenhados ou como uma criatura de corpo humano e cabeça de jacaré, com uma longa cauda, a Cuca assustava as crianças e, diz a lenda, devorava aquelas que não obedeciam a seus pais.

Popularizada pelos livros de Monteiro Lobato, a Cuca virou estrela de TV nas séries infantis e desenhos animados do *Sítio do Picapau Amarelo*. E recentemente virou um meme internacional, viajando o mundo via internet.

MAPINGUARI

Diz a lenda que no interior da Floresta Amazônica vive um monstro terrível, um gigante faminto coberto de pelos, com um olho só e uma bocarra imensa no lugar do umbigo.

De braços longos e garras afiadas, o Mapinguari vaga pela mata em busca de animais e pessoas para... devorar!

Muita gente acredita que a origem da lenda do Mapinguari seja o megatério, ou preguiça-gigante, um animal pré-histórico que vivia nessas terras até 10 mil anos atrás e cujo esqueleto pode ser visto no Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista.

MATINTA PERERA

Na Região Norte do Brasil, muita gente conta histórias sobre a Matinta Perera, uma bruxa velha que se transforma num pássaro de mau agouro.

Quando a noite vai caindo, o pássaro agourento voa sobre as casas e seu canto estridente assusta os moradores.

Para se livrar da má sorte, é preciso oferecer comida, presentes e agrados a Matinta Perera, que depois volta sob a forma de velha para recolher as oferendas.

E, segundo a lenda, é melhor nem perguntar o que acontece com quem não lhe dá nada...

MULA SEM CABEÇA

Nas noites escuras, nas estradas desertas que cortam o interior, muita gente já deu de cara com uma mula preta, com o pescoço terminando numa grande língua de fogo.

Em uma das muitas versões dessa lenda, tudo começou quando um homem seguiu sua esposa até o cemitério e a surpreendeu enquanto ela violava uma sepultura.

Com um grito horrendo, a mulher se transformou na Mula sem Cabeça e fugiu a galope, soltando chamas e coices.

Originária do folclore português e espanhol, a Mula sem Cabeça é um dos mitos mais conhecidos do folclore brasileiro, e também um dos mais temidos.

NEGRINHO DO PASTOREIO

Mistura de mitos cristãos e africanos, a lenda do Negrinho do Pastoreio nasceu no Sul do Brasil, e é uma lembrança triste do sofrimento dos negros escravizados.

Castigado por um fazendeiro cruel por ter deixado um cavalo fugir, um menino negro foi amarrado e abandonado sobre um formigueiro.

Na manhã seguinte, quando voltou ao local, o fazendeiro encontrou o menino ao lado de Nossa Senhora, e se ajoelhou pedindo perdão.

Com a bênção da santa, o menino montou em um cavalo e saiu galopando pelos pampas, onde até hoje as pessoas dizem tê-lo visto, e a quem rezam pedindo ajuda quando precisam achar algum objeto perdido.

SACI-PERERÊ

Quem avista poeira ou folhas girando em um pé de vento já sabe: ali tem saci! E é melhor tomar cuidado porque lá vem travessura.

Dizem que o saci-pererê se diverte dando nó nas crinas e rabos dos cavalos, assustando as galinhas, fazendo o leite azedar e provocando todo tipo de bagunça dentro das casas.

Personagem muito conhecido do folclore, ele é um menino negro, com uma perna só, que usa um gorrinho vermelho e um cachimbo. Diz a lenda que, se você conseguir roubar seu gorro mágico, o saci é obrigado a atender qualquer pedido seu.

O livro *O Saci*, de Monteiro Lobato, explica direitinho como capturar o danadinho. Mas isso não é uma tarefa nada fácil. Será que você consegue?

VITÓRIA-RÉGIA

A vitória-régia é uma planta aquática originária da Amazônia. Suas folhas circulares podem ter mais de dois metros de diâmetro e suas flores brancas e delicadas brotam em janeiro e fevereiro, abrindo somente à noite e durando 48 horas.

Inspirados pela beleza da planta, os povos indígenas contam uma linda história. Diz a lenda que a índia Naiá era a mais bela da tribo. Porém, ao ver Jaci, a Lua, refletida nas águas do igarapé, desejou ir morar com ela no céu e virar uma estrela.

Por dias e noites a fio, Naiá ficava ali, na beira do igarapé, esperando e admirando o reflexo da lua, sem comer nem beber. E acabou definhando e morrendo.

Com pena, a Lua transformou-a numa estrela diferente: uma estrela das águas.

E é por isso que as flores da vitória-régia só se abrem à noite.